

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal (P. 16.)

Class.: Kaisrô 51

Data: 15 de Maio de 1984

Pg.: _____

4468

João Malato

A falência de um princípio

O princípio da autoridade no Brasil, está em crise, lamento dizê-lo, desde o advento do atual governo, quando o estimável general João Figueiredo, a pretexto de cumprir os ideais patrióticos de seu falecido pai, coronel Euclides de Figueiredo, participante da Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, deixou-se envolver pelo compromisso de fazer deste país uma Democracia e, sem dar tempo a que essa lídima idéia amadurecesse, lançou-nos, precipitadamente, numa Anistia que aproveitou mais aos ferrenhos inimigos do ideal democrático, de que àqueles que honradamente a mereciam.

Com a volta, ao País, de centenas, senão de milhares de terroristas, que nos anos anteriores tinham-se coberto de sangue, nas matanças mais sórdidas e impiedosas, em que o grosso das vítimas eram pobres guardas bancários e funcionários dessa mesma categoria, que tentaram se opor a que os estabelecimentos a que serviam, fossem assaltados e roubados — as autoridades tiveram as suas prerrogativas diminuídas, e pouco a pouco, a sua energia repressora e contensora acabou por quase desaparecer. Presentemente, a anarquia só não é maior, neste País, porque a subvenção não quis ainda considerar a oportunidade da baderna,

ou porque, talvez, esteja à espera de que o poder lhe venha cair às mãos, sem necessidade de luta armada.

Mas, a verdade é que a fraqueza governamental salta a todos os olhos e se estampa nas menores atitudes do poder público.

A simples insolência de um milhar de índios que remanescem às margens do Xingu, e que paralisaram uma rodovia federal e sequestraram nove funcionários da Funai, inclusive o próprio superintendente, conservando-os em regime de cativo por mais de 40 dias, não serviu para despertar o amor-próprio do governo, que se arrastou de humilhação em humilhação, e de concessão em concessão, até sacrificar dezenas de fazendeiros que há meio século ocupam terras que agora os índios desejaram, e lhes foram concedidas. E tudo o que a chantagem dos silvícolas exigiu, foi-lhes concedido, inclusive altos cargos federais, que nos termos da Lei e da ética cultural, um índio não pode exercer — pelo menos enquanto a nossa legislação não é reformada.

E, por associação de idéias, a gente é levada a recordar Canudos, com os seus quatro, ou cinco mil fanáticos, de Antônio Conselheiro, e contra os quais a União

despachou quatro expedições militares, na penúltima das quais tombou morto, entre outros oficiais, o famoso e prestigioso coronel Moreira César, cujo cadáver insepulto foi deixado pelas forças em pânico, para servir de escárneo e profanação aos jagunços.

No caso dos Txucarramães, 50 pára-quedistas militares teriam libertado os nove seqüestrados, repondo a autoridade do Governo no seu devido nível. Muito mais grave do que a questão dos txucarramães, foi o episódio do Pacal, em Altamira, onde milhares de lavradores, acirrados e estimulados pelos sacerdotes católicos da região, já haviam interrompido o tráfego na Transamazônica e ameaçavam de destruição a usina de açúcar lá existente. Pois, foram suficientes 40 praças da Polícia Militar, para lá enviados pelo governador Jader Barbalho, para liquidar prontamente com a questão, em que pese a gritaria feita pelos padres, mas que acabaram por se acomodar, numa prova de que, nos casos de insubordinações pré-fabricadas, a solução está no emprego moderado da força.

No caso igualmente grave, de Serra Pelada, onde os garimpeiros ameaçam distinguir pontes rodoviárias e implantar a desor-

dem dentro do prazo marcado, o governo deveria agir, não com truculência, mas dentro de uma linha de ação condigna, em que a sua autoridade e as suas decisões não saíssem tão diminuídas, como nos casos de submissão absoluta à chantagem de masorca.

Uma coisa é prudência, e outra é pusilanimidade. Não há outro tratamento a dar, também, a esse revoltante caso do assassinato frio e covarde do fazendeiro Honório de Oliveira e de mais três trabalhadores de sua fazenda, em Ourém, e cujos cadáveres os invasores de terras que os trucidaram não queriam entregar às suas famílias. E indo uma diligência policial-militar para recuperar esses corpos já em decomposição, aconteceu que um grupelho dos matadores opôs-se a que o pelotão armado entrasse no recinto da matança, o que motivou o regresso do mesmo a Belém, sem o cumprimento da missão que o levava a Ourém. E em obediência ao que foi permitido pelos "posseiros" assassinos, somente no dia seguinte um helicóptero foi ao local da tragédia para resgatar o corpo de Honório Corrêa, não tendo sido mais encontrado os demais "presuntos", possivelmente devorados pelos sanguinários.

Nesse andar de coisas, onde iremos parar?